

## O PAPEL DO (A) PEDAGOGO (A) HOSPITALAR: UM ENSINO HUMANIZANTE NO HOSPITAL OSWALDO CRUZ EM RECIFE – PERNAMBUCO

### THE ROLE OF (A) PEDAGOGUE (A) HOSPITAL: A HUMANIZING TEACHING AT OSWALDO CROSS REEF HOSPITAL – PERNAMBUCO

### EL PAPEL DEL (A) PEDAGOGO (A) HOSPITALARIO: UNA ENSEÑANZA HUMANIZANTE EN EL HOSPITAL OSWALDO CRUZ EN ARRECIFE - PERNAMBUCO

Amanda Lins Tavares Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo faz uma explanação do papel do (a) pedagogo (a) hospitalar, através de uma análise teórica e empírica vivenciada no Hospital Oswaldo Cruz em Recife – PE, por ser o único da região que comporta essa modalidade de ensino. A Pedagogia Hospitalar é uma área de atuação que visa proporcionar atendimento educacional as crianças e adolescentes que, por motivos de doenças se encontram acamadas e precisam de atendimento na classe hospitalar ou individual (nos leitos), de modo a não perderem o ano letivo. Este artigo levanta o seguinte problema de pesquisa: “Qual é o papel e a atuação pedagógica desenvolvida pelo (a) Pedagogo (a) no espaço Hospitalar?” Apresenta como Objetivo Geral: Analisar as práticas pedagógicas adotadas pelo Pedagogo Hospitalar visando a compreensão de sua metodologia, avaliação e didática de ensino tanto nos leitos hospitalares quanto na sala de aula do Hospital Universitário Oswaldo Cruz em Recife – PE de modo a compreender as dificuldades e conquistas adquiridas por este profissional em sua atuação. A metodologia utilizada para realizar este trabalho foi a qualitativa bibliográfica e de campo a qual se utilizou da técnica de observação não participante e de uma entrevista com a pedagoga do referido hospital, seguida de uma análise dos dados qualitativa que evidenciou a importância dessa prática pedagógica e como ela precisa ser expandida para demais hospitais públicos e privados de modo a olhar com amor pedagógico o ato de cuidar das crianças e adolescentes em estado de internação hospitalar.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar. Brinquedoteca. Pedagogo. Direito a educação. Pedagogia hospitalar.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pelo CESA; Aluna pós-graduanda em Neuropsicopedagogia pela UNIASSELVI. E-mail: amandalins2014@yahoo.com.br.

Este artigo resultou de um desejo pessoal quando em 2016 fui diagnosticada com Câncer de Ovário. Durante o tratamento me encontrei com diversas pessoas, mas nada foi tão impactante quanto me posicionar no lugar daquele ser tão frágil pequeno e indefeso que é uma criança. Pensei em como suportavam o diagnóstico, a dor causada pelas sessões de quimioterapia e da ausência de casa. Ao executar a pesquisa meu maior desejo foi de expor a excelência de um trabalho humanizado, incluso e cheio de afeto, procurando entender como acontece à atuação do profissional pedagogo nesse campo hospitalar, assegurando e protegendo os direitos da criança e do adolescente hospitalizados.

O trabalho foi custeado com recursos próprios.

**ABSTRACT:** This article makes an explanation of the role of (a) pedagogue (a) hospital, through a theoretical and empirical analysis experienced at Hospital Oswaldo Cruz in Recife – PE, for being the only one in the region that includes this mode of teaching. Hospital Pedagogy is an area of activity that aims to provide educational care to children and adolescents who, for reasons of diseases are bedridden and need care in the hospital or individual class (in beds) in order not to miss the school year. This article raises the following research problem: “What is the role and pedagogical performance developed by (a) pedagogue (a) within the hospital space?” Presents as General Objective: To analyze the pedagogical practices adopted by the Hospitalar pedagogue in order to understand its methodology, evaluation and teaching of both the hospital beds and the classroom of the Oswaldo Cruz University Hospital in Recife – PE in order to understand the difficulties and achievements of this professional in its performance. The methodology used to carry out this work was the qualitative bibliographic and field which was used of the non-participating observation technique and an interview with the pedagogue of the hospital, followed by an analysis of the qualitative data that evidenced the importance of this pedagogical practice and how it needs to be expanded to other public and private hospitals in order to look with pedagogical love at the act of caring for children and adolescents in hospital state.

**Keywords:** Classe Hospitalar. brinquedoteca. pedagogo. Right to education. Pedagogy hospital.

**RESUMEN:** Este artículo hace una explicación del papel del (a) pedagogo (a) hospitalario, a través de un análisis teórico y empírico experimentado en el Hospital Oswaldo Cruz en Recife – PE, por ser el único de la región que comporta esa modalidad de enseñanza. La Pedagogía Hospitalar es un área de actuación que busca proporcionar atención educativa a niños y adolescentes que, por motivos de enfermedades se encuentran en cama y necesitan atención en la clase hospitalaria o individual (en las camas) para no perderse el año escolar. Este artículo plantea el siguiente problema de investigación: “¿Cuál es el papel y la actuación pedagógica desarrollada por (a) pedagogo (a) dentro del espacio Hospitalar?” Presenta como Objetivo General: Analizar las prácticas pedagógicas adoptadas por el pedagogo Hospitalar buscando la comprensión de su metodología, evaluación y didáctica de enseñanza tanto en las camas hospitalarias como en el aula del Hospital Universitario Oswaldo Cruz en Recife – PE a fin de comprender las dificultades y conquistas adquiridas por este profesional en su actuación. La metodología utilizada para realizar este trabajo fue la calidad bibliográfica y de campo que se utilizó de la técnica de observación no participante y de una entrevista con la pedagoga del mencionado hospital, seguido de un análisis de los datos cualitativos que evidenció la importancia de esta práctica pedagógica y cómo necesita ser ampliado a otros hospitales públicos y privados con el fin de mirar con amor pedagógico el acto de cuidar a los niños y adolescentes en estado de hospitalización.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalaria. brinquedoteca. Pedagogo. Derecho a la educación. Pedagogía hospitalaria.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo abre espaços para a pesquisa do pedagogo (a) em novos campos de atuação não formais<sup>2</sup> de educação, de modo a fazer uma análise teórica e empírica sobre a atuação do (a)

---

<sup>2</sup>Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia do ano de 2006 houve a possibilidade de ampliação do espaço do Pedagogo, ou seja, o pedagogo pode atuar em espaços formais e não formais de educação.

Pedagogo (a) no espaço hospitalar, buscando compreender seu papel, atuação, desafios e conquistas.

A área hospitalar surge recentemente como um destes novos campos sociais pedagógicos de inclusão, pois por motivos de hospitalização muitas crianças se veem impedidas de frequentar a escola, perdendo conteúdos e, por vezes, o ano letivo.

No que se refere à Pedagogia Hospitalar, durante muitos anos, as crianças e adolescentes hospitalizados foram marginalizados pelo sistema educacional. Por estarem internados, eles foram considerados incapazes de dar prosseguimento a seus estudos. Essas concepções fizeram com que muitas crianças e adolescentes tivessem uma dupla exclusão social, pois além de serem penalizados por suas doenças, também não tinham acesso à educação. Essas concepções de crianças e adolescentes estão sendo modificadas em tempos modernos em função dos avanços nas leis e garantias de proteção social a esta população, todavia durante vários anos, a invisibilidade destas crianças e adolescentes foram predominantes. (PAULA, 2010, p. 01).

Nesta perspectiva, a pesquisa entenderá como acontece à atuação do profissional pedagogo nesse campo hospitalar. Uma finalidade da atuação da Pedagogia Hospitalar é proteger os direitos da criança e do adolescente hospitalizados segundo a Resolução 41/95, que reza que “toda criança e adolescente deve ter oportunidades iguais”.

Neste sentido, a Pedagogia Hospitalar é uma área de atuação da Pedagogia que visa proporcionar atendimento educacional as crianças e adolescentes que, por motivos de doenças se encontram acamadas há um considerável tempo e precisam de atendimento tanto em salas de aula, quanto nos leitos, ou ainda em outros espaços, tais como: brinquedoteca hospitalar de UTI, de consultório de modo a não perderem o ano letivo e se sentirem mais motivadas por proporcionar momentos que aliviam o sofrimento através de atividades pedagógicas que auxiliem o desenvolvimento das áreas: cognitiva, motora, emocional e social.

[...] a abordagem pedagógica pode ser entendida como instrumento de suavização dos efeitos traumáticos da internação hospitalar e do impacto causado pelo distanciamento da criança de sua rotina, principalmente no que se refere ao afastamento escolar. O período de hospitalização é transformado, então, num tempo de aprendizagem, de construção de conhecimento e aquisição de novos significados, não sendo preenchido apenas pelo sofrimento e o vazio do não desenvolvimento afetivo, psíquico e social. (FONTES, 2004, p. 7)

Nesse sentido, o atendimento a criança hospitalizada vai além do puramente médico, uma vez que esta criança precisa de amparo em diversas áreas da sua vida e a educacional é uma delas.

Diante disso, este artigo levanta o seguinte problema de pesquisa: “Qual é o papel e a atuação pedagógica desenvolvida pelo (a) Pedagogo (a) no espaço Hospitalar?”

Diante da problematização apresenta como Objetivo Geral: Analisar as práticas pedagógicas adotadas pelo Pedagogo Hospitalar visando a compreensão de sua metodologia, avaliação e didática de ensino na Classe Hospitalar Semear no Centro de Oncohematologia Pediátrica/ Hospital Universitário Oswaldo Cruz em Recife – PE de modo a compreender as dificuldades e conquistas adquiridas por este profissional em sua atuação.

E tem como Objetivos Específicos: Buscar a origem e o conceito da Pedagogia Hospitalar; Entender o papel do Pedagogo (a) Hospitalar nas Classes Hospitalares e no Espaço da Brinquedoteca do hospital; Analisar os dados coletados na pesquisa de campo através de observação não participante e entrevista com uma Pedagoga Hospitalar num hospital de referência em Recife – PE.

A motivação da escolha do tema se deve, antes de tudo, a uma questão de superação pessoal e em segundo lugar ao fato de que se trata de uma área de atuação inovadora, atual, ainda pouco explorada, devido a ser restrita a apenas um hospital na região de Pernambuco. Por outro lado, trata-se de uma área cuja tendência é sua expansão devido a sua grande importância, tanto na questão social, educacional quanto de humanização da saúde pública. Nesse sentido, pesquisar sobre a temática se torna imprescindível tanto para divulgar esse importante trabalho como para aprofundar o conhecimento sobre o mesmo.

Esse trabalho tem a intenção de que se voltem os olhares ao ser total da criança internada para tratamento de doença crônica e não unicamente para o corpo adoecido e sim para as necessidades afetivas, psicoemocionais, físicas e sociais da criança, enfatizando sobre a relevância da educação à criança hospitalizada.

## 1 HISTÓRIA E CONCEITO DE PEDAGOGIA HOSPITALAR

O ambiente hospitalar historicamente e tradicionalmente sempre foi visto como um espaço exclusivo para a atuação de profissionais da saúde que através de uma medicina alopática buscam sarar ou amenizar as doenças dos seus pacientes. Nos últimos tempos, com debates sobre a humanização da medicina a própria mudança paradigmática na concepção de saúde e doença vem se ampliando e o hospital vai dando espaço para que profissionais de outras áreas atuem. Assim, o pedagogo hospitalar surge como um profissional que pode ser a ponte entre a escola e o hospital, de modo a promover a ressocialização e o resgate de conteúdos perdidos de crianças e adolescentes internadas em fase de escolarização.

A Classe Hospitalar tem seu início em 1935, quando Henri Sellier inaugura a primeira escola para crianças inaptas, nos arredores de Paris”. Mais tarde em 1936 - surgiram classes hospitalares na Inglaterra, Alemanha, Espanha e nos Estados Unidos, visando atender as dificuldades escolares de crianças tuberculosas. (ESTEVES, 2009, p.2)

Contudo, é a partir da Segunda Guerra Mundial que surge o embrião do que hoje se conhece como Pedagogia hospitalar:

Em 1939, na França teve a criação do Centro Nacional de Formação de Professores para crianças inadaptadas expandindo-se depois da 2.ª guerra mundial as classes hospitalares para crianças que se encontravam mutiladas e tuberculosas. Sob a ótica das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica declara que “extraordinariamente, os serviços de Educação Especial podem ser oferecidos em classes, escolas especiais, classes hospitalares e em ambiente domiciliar [...]. (BRASIL, 2009, p. 42-43).

As salas com essa adaptação surgiram da necessidade de suprir as dificuldades escolares enfrentadas por crianças internadas com algum tipo de doença e impossibilitadas de se deslocar para a escola.

No Brasil surge em 1930, na cidade do Rio de Janeiro no Hospital Municipal Jesus oferecendo essa adaptação em seu serviço, mas é necessário que ocorra uma mudança no sistema tendo em vista que a escola não é um lugar fechado. Ela está onde acontece o desejo e a troca de ensinar e aprender. Segundo o documento do Ministério da Educação (MEC), Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar, estratégias e orientações “é um ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar” (BRASIL, 1994, p. 20).

Na década de 90 no Brasil<sup>3</sup>, por força dos movimentos sociais e ações do poder público, foram criadas leis como o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA (BRASIL, 1990).

Ceccim e Carvalho (1997) descrevem a lei dos Direitos das Crianças e dos Adolescente Hospitalizados elaborada pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Essas leis têm o intuito de proteger a infância. Assim, ainda de acordo com Ceccim e Carvalho, na Resolução nº.41, de 13 de outubro de 1995 da lei dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), existem vinte (20) itens em defesa da criança e jovens

---

<sup>3</sup> Segundo dados de Fonseca (1999), a educação nos hospitais brasileiros iniciou-se desde 1950, com a primeira Classe Hospitalar no Hospital Jesus no Rio de Janeiro. Mas, essa modalidade de ensino só foi reconhecida em 1994 pelo Ministério da Educação - MEC (BRASIL, 1994).

hospitalizados. Dentre os artigos destaca-se o direito à educação: “Artigo 9. Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programa de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (CECCIM e CARVALHO, 1997, p. 188).

Algo também ressaltado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, que elucida que toda criança deve ter todas as oportunidades possíveis para que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam suspensos. Assim, a criança ao ser internada passa a ter o direito de receber as condições necessárias, oportunidade de desenvolvimento do processo educativo. Pode-se dizer que a LDB 9394/96 possibilita a construção de trabalhos pedagógicos em ambiente hospitalar.

O profissional desta área deverá se comprometer em trazer o mundo para quem está lá dentro. Segundo Fonseca (2000, p. 47): “O tempo de aprender é o tempo do aluno [...] a sala de aula é do tamanho do mundo, no caso da sala de aula hospitalar, serve como mediadora à possibilidade de a criança plugar-se com o mundo fora do hospital”.

É importante que o profissional que opta por esta área esteja disposto a enfrentar os desafios que encontrará. Fonseca (2003, p.22) diz que a Pedagogia Hospitalar em sua prática pedagógico-educacional diária visa:

Dar continuidade aos estudos das crianças em convalescença, com o objetivo de sanar dificuldades de aprendizagem e/ou oportunizar a aquisição de novos conteúdos. Atuando também como um acompanhamento do aluno fora do ambiente escolar, esta se propõe a desenvolver suas necessidades psíquicas e cognitivas utilizando programas lúdicos voltados à infância, entretanto sua ênfase recai em programas sócio interativos, vinculando-se aos sistemas educacionais como modalidade de ensino – Educação Especial - ou ao sistema de Saúde como modalidade de atenção integral – Atendimento Pedagógico Educacional Hospitalar.

A Pedagogia Hospitalar tem a função de acrescentar valores dando suporte à pessoa que está submetida neste processo de internamento havendo orientação do pedagogo que irá observar seu desempenho cognitivo e emocional.

[...] essa modalidade de ensino além de incluir os estudantes no contexto escolar quando internado, propicia continuidade da vida escolar dos mesmos após a alta hospitalar, favorecendo a redução da evasão escolar e dos índices de fracasso auxiliando no desenvolvimento biológico, cognitivo, biopsicossocial desses estudantes/ pacientes (PEDROSA, 2015, p. 21).

A humanização deste atendimento está no fato de que a pedagoga tem a possibilidade de fazer com que a criança hospitalizada esqueça um pouco a dor e o sofrimento e se sinta motivada

a continuar estudando e aprendendo através do lúdico e da afetividade e isso contribui para sua saúde psicológica.

Embora esteja previsto por lei que as crianças tenham acompanhamento pedagógico no hospital e que existam professores para realiza-lo, os hospitais, de modo geral, quer sejam públicos ou privados, têm feito muito pouco para possibilitarem à criança hospitalizada dar continuidade aos seus estudos; salvo raras exceções que têm se preocupado em atender as necessidades biopsicossociais dessa população. Também os órgãos públicos, os educadores e a sociedade em geral, pouco reconhecem esses espaços educativos como uma modalidade oficial de ensino em nosso país, pois são raras as Secretarias de Educação que implantam essas práticas educativas nos hospitais, garantindo-lhes apoio e assistência (PAULA, 2010, p. 03).

É fundamental, pois que haja maior esforço das políticas públicas no sentido de ampliar a atuação do pedagogo nos hospitais brasileiros, estreitando as relações da Pedagogia Hospitalar com a Pedagogia Social, uma vez que são complementares, importantes na garantia da cidadania e dignidade de vida do educando.

## 1.2 A ATUAÇÃO DO (A) PEDAGOGO (A) NAS CLASSES HOSPITALARES

Levar conhecimento àqueles que se encontram impossibilitados de ir buscá-lo é o caminho que o (a) Pedagogo (a) Hospitalar pode trilhar, pois, há uma luta incessante pela qualidade de vida, pela busca de novos conhecimentos em prol dos alunos (as) internados (as). A educação está presente em todos os momentos de nossas vidas. Sua finalidade não deve ser simplesmente transmitir conteúdos acadêmicos e matérias obrigatórias à formação do indivíduo, mas também comunicar experiências que possam influenciar de maneira permanente a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, onde quer que eles estejam.

No hospital há uma equipe envolvida para o tratamento da criança e do adolescente visando a obter uma melhora no quadro clínico, alguns desses profissionais são os médicos, enfermeiros, técnicos, assistentes sociais. O Pedagogo Hospitalar surge nessa equipe com o intuito de ensinar através de diversos instrumentos pedagógicos adaptados enquanto esses pacientes estão hospitalizados. O estado de saúde não envolve apenas a doença em si, mas toda mudança de rotina que implica separar-se de familiares, amigos e objetos significativos; sujeitar-se a procedimentos invasivos e dolorosos e, ainda, sofrer com a solidão e o medo da morte – uma realidade constante nos hospitais.

A sala é preparada com o objetivo de contribuir para o crescimento e construção do desenvolvimento das crianças, jovens e adultos que estão impossibilitados de frequentar a escola



visando suas necessidades individuais. Para as atividades na classe é necessário que a mobília seja apropriada contendo uma bancada com pia e material apropriado para atividades ludo-pedagógico.

No que se refere ao atendimento pedagógico hospitalar, pode ocorrer em instalação própria para esse fim (classe hospitalar), na enfermaria da unidade de saúde, no leito ou em quarto de isolamento, também sendo indicado um espaço adequado, de preferência ao ar livre para que sejam desenvolvidas atividades lúdico-pedagógicas, o que irá depender das necessidades e possibilidades clínicas do escolar hospitalizado [...] Quanto a estrutura física das classes hospitalares, estas devem conter, no mínimo, móveis adequados, uma bancada com pia e acomodações sanitárias próprias e adaptadas também conforme as necessidades do educando hospitalizado [...] As classes hospitalares devem estar equipadas com variados recursos audiovisuais, como computadores em rede, televisão dentre outros, além de possibilitar à elaboração, o desdobramento, a avaliação e o contato do educando hospitalizado com o professor e os colegas de sala de sua escola de origem. (BRASIL, MEC, SEESP, 2002, p. 08).

Quando internadas as pessoas ficam mais introspectivas, fragilizadas e sentem-se desnorteadas pelo próprio tempo que passam no hospital em tratamento. A classe surge para aliviar a dor e o sofrimento que são constantes na vida do paciente e da família. Seguindo estes preceitos nota-se a necessidade de se trabalhar de forma sensível e humanizada com uma nova proposta educacional: a Pedagogia Hospitalar, onde “a criança e o adolescente, nesta fase, se encontram em pleno período de aprendizagem” (MATOS, 2007, p. 28).

É indispensável apontar que o pedagogo tem a função de conduzir o(a) aluno (a) internado (a) ao conhecimento aproveitando às vezes que a criança esteja apta para adquiri-lo, respeitando suas limitações no seu estado de adoecimento lhe proporcionando a oportunidade de descobrir novas ações, redescobrimdo o sentido da vida através do ensino e da ludicidade.

Nesse panorama sabe-se que a didática deve ser aplicada de acordo com o ambiente e a proposta pedagógica deve ser seguida. Segundo Ceccim, e Fonseca, (1999, p.17): “[...] a necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimentos teóricos e metodológicos, visando em atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados”.

A princípio, é necessário que o profissional da pedagogia hospitalar tenha formação específica na área hospitalar, seguindo de uma organização sobre cada aluno devendo entender o espaço individualmente. Assim como na escola, o educador fará um trabalho em conjunto com a família, mais precisamente com o acompanhante.

Estando em um ambiente escolar a grade curricular deve ser cumprida, dependendo do período que o paciente passará hospitalizado. O profissional poderá investir na ludicidade do



ambiente que faz o atendimento pedagógico ficar mais atrativo com as salas decoradas, cores alegres, utilizar brincadeiras, jogos, incentivando o aprendizado do paciente/aluno divertidamente e prazerosa.

### 1.3 BRINQUEDOTECA: UM ESPAÇO DE LUDICIDADE E SOCIALIZAÇÃO

Brincar é um ato mágico na vida de toda criança. Através do brincar ela desenvolve o imaginário, a socialização, a cognição e melhora o emocional. Nesse sentido, utilizar jogos, brinquedos e brincadeiras como ferramenta de aprendizagem, principalmente em crianças cujo ambiente já é carregado de dor e sofrimento é um ato amoroso, pois brincar também é um ato terapêutico. Nesse sentido, é valiosa a apreciação de Macedo (2007, p. 40) ao explicar um fato curioso:

Em 1934, durante contexto da Grande Depressão Americana, na cidade de Los Angeles (Estados Unidos), observou-se que crianças estavam roubando brinquedos. O dono do estabelecimento realizou reclamação devida ao diretor da Escola Municipal local. Este então concluiu que tal situação ocorria porque as crianças não tinham com o que brincar, e iniciou-se, então, um serviço de empréstimo de brinquedos, como um recurso comunitário. O serviço, que permanece até os dias atuais, é denominado Los Angeles Toy Loan.

Essa avaliação da associação do brincar com o processo de ensino aprendizagem foi se ampliando para o mundo, de modo que, segundo Cunha (2011), em 1963, em Estocolmo (Suécia), a ideia de empréstimos de brinquedos foi expandida quando duas professoras, mães de crianças com deficiências, fundaram a Lekotek (ludoteca), com o objetivo de orientar outras famílias a estimularem seus filhos através dos brinquedos. Ainda segundo a autora, atualmente, as lekotek (ludoteca em sueco) funcionam com consultas pré-agendadas e atendimento individualizado, sendo mantidas com suporte do Ministério da Saúde e Bem-Estar Social.

Nesse panorama, entre diversos países, o Brasil também despertou para o fato da importância do brincar no desenvolvimento infantil. Ainda segundo relatos de Cunha (2011, p. 42):

Em 1971, foi inaugurado o Centro de Habilitação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em São Paulo, sendo realizada na ocasião uma grande exposição de brinquedos pedagógicos. Devido às dificuldades que os pais encontravam na aquisição destes brinquedos, foi criado um setor de recursos pedagógicos na APAE. Em 1973, este setor implementou um sistema nos moldes de uma “biblioteca circulante”, provocando maior valorização na utilização dos brinquedos e tornando-se objeto de interesse de profissionais e estudantes de diferentes áreas[...] Em 1974, no Anhembi, São Paulo, trabalhos de médicos suecos no

Congresso Internacional de Pediatria contribuíram para o reconhecimento da importância dos brinquedos na recuperação de crianças hospitalizadas, bem como na preservação da saúde mental de crianças [...] Em 1981, foi publicado o livro “Material Pedagógico – Manual de Utilização”, publicado pelo MEC – FENAME (Fundação Nacional do Material Escolar), apresentando brinquedos como instrumentos enriquecedores no processo de aprendizagem. Este consagrado livro também foi apresentado no II Congresso Internacional de Brinquedotecas, realizado em Estocolmo (Suécia). [...] A participação do Brasil neste congresso estimulou o crescimento do trabalho com brinquedos, criando novos espaços para desenvolvimento das atividades lúdicas. Em 1981, foi criada a primeira Brinquedoteca pela Pedagoga Nylse Helena Cunha<sup>4</sup>, na Escola Indianópolis (São Paulo), que diferia das iniciativas existentes, pois priorizava o brincar e a humanização do atendimento.

Quando a criança hospitalizada é levada para o ambiente da brinquedoteca, ela esquece um pouco do sofrimento que tantos procedimentos clínicos lhes proporciona ao longo de sua estadia no hospital. Deixa de sentir-se apenas como um ser humano doente a ser tratado. O ato de brincar a faz sorrir, se sentir alegre, o que ajuda na sua recuperação e autoestima. Nesse sentido, Oliveira (2007, p. 28) destaca que:

A brinquedoteca hospitalar rompe com a característica temporal contida na rotina da internação, na qual a criança se percebe continuamente como alguém que é diagnosticado, cuidado, medicado, para oferecer um tempo onde os papéis e as funções podem ser divertidos.

É muito importante que nesse espaço lúdico, além de equipamentos, brinquedos e materiais didáticos lúdicos exista um profissional com formação em pedagogia hospitalar e auxiliar, que seja especialista no assunto. Para Neumann (2005, p. 162), o brinquedista é “o principal defensor do direito da criança ao brincar”, devendo propor brincadeiras, atividades e respeitando as decisões tomadas pelas crianças”.

É importante dizer que, a partir do dia 21 de março de 2005, devido a Lei Nº 11.104, tornou-se obrigatório que os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação tenham brinquedotecas, mas ainda é uma realidade um pouco distante. Viegas (2007) relata bem como está à realidade da brinquedoteca em relação a este assunto:

Como os hospitais compreenderão a sua obrigatoriedade e a cumprirão? O que temos verificado é que a maioria da direção dos hospitais valoriza os problemas emocionais das crianças e dos adolescentes internados, mas não a ponto de colocá-los como prioridade em seus orçamentos, geralmente muito estreitos – a brinquedoteca parece ser supérflua. Mas

---

<sup>4</sup> Nylse Helena da Silva Cunha é pedagoga, diretora do Instituto Indianópolis desde 1974, fundadora da Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBr) e membro da diretoria da *International Association of Toy Libraries* (ITLA).

agora é obrigatoriedade, embora em um país em que nem todas as leis são cumpridas. Precisamos contar com a sensibilidade destes dirigentes e de sua capacidade de captar recursos. (VIEGAS, 2007, p. 167).

É primordial que esses espaços de brinquedotecas e valorização do profissional da Pedagogia Hospitalar se espalhe pelos hospitais públicos brasileiros, a fim de amenizar a dor de crianças excluídas socialmente e que atravessam, além da situação de vulnerabilidade social, a situação de doenças.

Assim, a contribuição que o espaço oferece está na recuperação das crianças hospitalizadas com o intuito de amenizar a dor do tratamento. São evidentes as dificuldades enfrentadas pela pessoa hospitalizada e por sua família, pois geralmente seu lado emocional fica comprometido e este novo modelo de espaço visa suprir a carência afetiva oferecendo socialização, prazer e amparo. Cunha (2007, p. 08) destaca alguns objetivos da Brinquedoteca Hospitalar:

- Preservar a saúde emocional da criança, proporcionando brincadeiras, jogos e parceiros também em tratamento;
- Preparar a criança às situações advindas do tratamento;
- Dar continuidade aos estímulos de desenvolvimento, como também apoio pedagógico;
- Proporcionar condições de visitas aos amigos e familiares;
- Preparar a criança para a volta para casa quando liberada pelos médicos.

A brinquedoteca hospitalar adapta as crianças para nova rotina, cuida do lado biopsicossocial e a socializa com outras crianças na mesma situação, proporcionados vínculos afetivos e amenizando seus traumas, contribuindo para um desenvolvimento completo. Sua relação com o paciente difere da Classe Hospitalar que se dedica a parte educacional, continuidade da área escolar respeitando suas limitações pela doença, a brinquedoteca visa à socialização destacando a ludicidade.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O presente estudo possui um caráter explicativo e empírico com abordagem qualitativa, o qual buscará, a partir da coleta de dados escritos e orais, compreender e analisar elementos relevantes sobre as práticas pedagógicas do Pedagogo Hospitalar.

Vale ressaltar que a defesa da pesquisa ou da “investigação social empírica” no dizer de Horkeheimer e Adorno (1973) — “não significa a crença na neutralidade, nem tampouco a superioridade da técnica sobre a teoria”.

Dessa forma, o método qualitativo se justifica por ser capaz de captar o mundo dos símbolos e de gestos espontâneos das relações sociais dos atores. Tal método, para Minayo (2007),

“[...] se ocupa de um nível de realidade que não deveria ser quantificado”, trabalhando assim [...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2007, p.21).

O local escolhido para se desenvolver a pesquisa de campo foi a Classe Hospitalar Semear localizada no Centro de Oncohematologia Pediátrica no Hospital Universitário Oswaldo Cruz em Recife – PE devido a ser um hospital de grande porte que contempla a atuação desse profissional na região.

A participante escolhida para contribuir com esta pesquisa será a Pedagoga Hospitalar da Prefeitura do Recife que atua na Classe Hospitalar Semear. O fato de só haver uma entrevistada pode ser explicado pela escassez de se encontrar esse profissional nos hospitais de Pernambuco.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados para a efetivação pesquisa foram organizados em algumas etapas básicas:

Primeiro, foi utilizada a técnica de Observação Não Participante, que se efetivou “através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO, 2007, p.59). Neste caso específico, foi realizada uma visita da pesquisadora para conhecer o espaço de atuação da pedagogia hospitalar dentro do Hospital, observando o trabalho nas classes hospitalares e na brinquedoteca.

Num segundo momento foi utilizada a técnica da Entrevista em profundidade num estilo semiestruturada direcionada a Pedagoga Hospitalar, que se caracteriza por uma “comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico” (MINAYO, 2007, p. 57). Esse tipo de entrevista combina perguntas fechadas e abertas, guiadas por um roteiro e que permite ao entrevistado discorrer sobre o tema sugerido sem que o entrevistador fixe a *priori* determinadas respostas ou condições.

As respostas foram gravadas, transcritas e organizadas em quadros temáticos para melhor entendimento. As respostas foram analisadas qualitativamente e dialogadas com citações de autores especializados no tema.

## 2.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA PESQUISA DE CAMPO

Esta pesquisa foi realizada na Classe Hospitalar Semear localizada no Hospital Universitário Oswaldo Cruz, Centro de Oncohematologia Pediátrica (HUOC/CEONHPE), localizado no Campus da UPE – Universidade de Pernambuco, no bairro de Santo Amaro, município de Recife e teve como foco analisar o trabalho da pedagoga hospitalar, a qual explicou

que: “O prédio que a classe hospitalar está localizada (Centro de Oncohematologia Pediátrica) foi construído pelo GAC-PE, com a sociedade civil e doado ao hospital, é uma estrutura recente” (Pedagoga Hospitalar, 2017).

As respostas da entrevista em profundidade com a Pedagoga Hospitalar foram agendadas previamente com a mesma, categorizadas em quadros temáticos e analisadas posteriormente num diálogo entre a fala da entrevistada, a observação de campo e citações de teóricos sobre o assunto. Essa entrevista teve a permissão para que se utilizasse o nome da entrevistada, segundo os critérios éticos da pesquisa, pois a mesma contribuiu como co-orientadora deste trabalho.

## 2.2 IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA

Tabela 1: Perfil da Coordenadora Hospitalar

<b>NOME:</b>	Cristiane Rose de Lima Pedrosa
<b>IDADE:</b>	49 anos
<b>HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA NESTA FUNÇÃO?</b>	Há três anos.
<b>FORMAÇÃO:</b>	Magistério, Fiz 7 semestre da graduação em Licenciatura em Moral e Cívica, com a extinção do curso na época, entrei e me bacharelei em Serviço Social, Fiz especialização em Psicopedagogia e Pedagogia Hospitalar, no momento estou cursando Educação Especial.
<b>VOCÊ RECEBEU ALGUMA FORMAÇÃO ESPECÍFICA PARA TRABALHAR NA PEDAGOGIA HOSPITALAR?</b>	Sim quando fui lotada para implantar essa primeira Classe Hospitalar de Pernambuco, fiz a especialização de Pedagogia Hospitalar.
<b>COMO VOCÊ INGRESSOU NESTA FUNÇÃO ATUAL?</b>	O Grupo de Ajuda à Criança Carente com o Câncer elaborou um Projeto para criação de uma sala pedagógica, ao ser aprovado pelo Instituto Ronald Mc Donald, se articulou com a prefeitura e deixou de ser projeto para ser modalidade de ensino, fui enviada pela prefeitura para realizar a implantação dessa classe hospitalar e permaneci.
<b>QUAL É A SUA FUNÇÃO NESTE ESPAÇO?</b>	Como é uma classe piloto da prefeitura de Recife, se consolidando para ampliar para outros hospitais, desempenho todas as funções da escola: Gestora, Coordenadora Pedagógica e Professora Regente
<b>QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DESTA PRÁTICA?</b>	Dar continuidade a escolarização dos estudantes afastados da escola para tratamento médico; contribuir com o processo de humanização no âmbito do hospital.
<b>QUAIS SÃO OS OBSTÁCULOS ENCONTRADOS NA ÁREA DE ATUAÇÃO?</b>	A adaptação da escola no hospital; a ignorância dos profissionais, mesmo no âmbito da prefeitura, no que diz respeito ao atendimento pedagógico hospitalar; as intercorrências que ocorrem no hospital em virtude da saúde dos estudantes; o enfrentamento do óbito; A dificuldade de profissionais capacitados para assumir a classe hospitalar.

Fonte: A própria pesquisa. Novembro, 2017.

Nota-se que a formação do professor nesta área hospitalar é essencial para um trabalho eficaz. Dedicar-se a continuidade do ensino em áreas não escolares é um desafio contínuo, já que o estudante se encontra limitado, é necessário respeitar e conciliar seu estado de saúde diário com o seu planejamento.

O professor da escola hospitalar é um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso, não lhe deve faltar, além de sólido conhecimento das especialidades da área de educação, noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermagem, e sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (mesmo os

emocionais) delas decorrentes, tanto para as crianças como também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital. (FONSECA, 2008, p. 29).

Mesmo com todas as dificuldades que o profissional ainda encontra, seja na falta de conhecimento entre profissionais e leigos ou na pouca formação dedicada a esta área, poder fazer o que ama traz resultados claros, ao ver o avanço do paciente no simples ato que é sair do leito e enfrentar os desafios escolares, tornando a classe hospitalar em modalidade de ensino.

Imagem 1: Pedagoga Hospitalar



Fonte: A pesquisa. 29-09-2017.

### 2.3 IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

<b>COMO SURTIU A NECESSIDADE DE IMPLANTAÇÃO DESTE TRABALHO NO HOSPITAL?</b>	Já existia um decreto estadual desde 2006, readequando o estado às novas orientações da educação especiais, na época não implantaram nenhuma sala, o GAC-PE encampou essa reivindicação, porque identificou que o estudante passava muito tempo no hospital e acabava perdendo o ano durante todo o período de tratamento.
<b>COMO O PEDAGOGO HOSPITALAR É CLASSIFICADO DENTRO DO HOSPITAL?</b>	No Hospital Universitário Oswaldo Cruz/ Centro de Oncohematologia Pediátrica aqui em Recife, a classe é de responsabilidade da prefeitura, assume esse trabalho professora concursada da rede municipal, está ligada ao GAC-PE, todavia desenvolve um trabalho autônomo, o hospital cede o espaço físico. A Classe Hospitalar Semear fica no 5º andar.
<b>QUAIS ESPAÇOS SÃO UTILIZADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO? NO SEU PONTO DE VISTA SÃO SATISFATÓRIOS?</b>	A rotina foi organizada com um tempo pedagógico de uma hora de atendimento no máximo para cada estudante, podem ser atendidos na sala, se o estudante estiver bem e puder se deslocar; ou no leito caso esteja apresentando alguma dificuldade, precisa-se considerar diariamente as condições físicas, emocionais e psicológicas.
<b>QUAL O HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO?</b>	Manhã: 8h as 12h; Tarde: 13h as 17h.
<b>EXISTE RELAÇÃO COM A ESCOLA DO EDUCANDO?</b>	Sim. Muito embora elas tenham pouco entendimento acerca da classe hospitalar. Enviamos um documento: encaminhamento para a escola de origem, para estabelecermos a relação e dar encaminhamento ao processo de ensino-aprendizagem do estudante.

Tabela 2: Conhecendo o Ambiente

Fonte: A própria pesquisa. Novembro, 2017.

Nota-se a importância desta iniciativa de trabalho na vida dos pacientes/família, ao GAC-PE por ter sinalizado a necessidade de não ser só mais um mero decreto parado, mas um lugar de significativa luta para conseguir que o paciente internado não perdesse seu ano letivo. Nota-se na



fala da entrevistada que a classe recebe os pacientes que ficam internados por longo período e os adapta a rotina escolar estreitando relações com a escola de origem dando o feedback necessário para o acompanhamento necessário do aluno. Percebe-se que o grande desafio se encontra nas escolas e profissionais que pouco conhecem sobre trabalho desenvolvido pelo único hospital com classe hospitalar de Pernambuco.

A educação em uma classe hospitalar tem como peculiaridade assegurar a manutenção dos vínculos escolares, de devolver a criança para sua escola de origem com a certeza de que poderá reintegrar – se ao currículo e aos colegas sem prejuízos pelo afastamento temporário ou ainda, de demonstrar, na prática, que o lugar da criança [...] é na escola, aprendendo e compondo experiências educacionais mediadas pelo mesmo professor que as demais crianças. (FONSECA, 2003, p.8).

Imagem 2: A Fachada do Hospital



Fonte: A pesquisa. 29-09-2017.

Imagem 2: Brinquedoteca



Fonte: A pesquisa. 29-09-2017.

Tabela 3: Conhecendo o Perfil dos Alunos

<b>QUEM SÃO OS EDUCANDOS? (TODOS QUE ENTRAM NO HOSPITAL? / SÓ OS DA ESCOLA PÚBLICA? ETC..)</b>	Nesta classe específica, estudantes regularmente matriculados da Educação Infantil – Grupos 4 e 5; Ensino Fundamental/ Anos Iniciais – 1.º ao 5.º ano, caso não estejam matriculados sensibilizar a família a matricular para podermos nos relacionar com a escola de origem do estudante, no município que ele reside.
<b>QUAL A FAIXA ETÁRIA DOS EDUCANDOS?</b>	Dos 4 anos aos 14 anos, caso esteja fora de faixa no processo de escolarização.
<b>QUAL O TEMPO MÉDIO DE PERMANÊNCIA NO HOSPITAL? (NA CLASSE)?</b>	No hospital só o diagnóstico e o tratamento vão ofertar esses dados, na classe frequenta o tempo em que estiver em tratamento com internamento, não existe um prazo, pode ser meses ou até mesmo anos.
<b>QUAIS AS LIMITAÇÕES DOS EDUCANDOS?</b>	As mesmas da escola regular, acrescentando que estão em tratamento de doenças crônicas os procedimentos médicos, as reações orgânicas, os medos, dores e angústias do internamento sempre dificultam e limitam.
<b>QUAIS AS PATOLOGIAS MAIS COMUNS?</b>	Neste hospital faz o tratamento de câncer infanto-juvenil, posso citar: uns mais comuns com diversos tipos de leucemia, retinoblastoma, osteossarcoma, tronco cerebral, linfomas e também alguns raros.
<b>QUAL O IMPACTO DA CLASSE HOSPITALAR NA VIDA DOS PACIENTES E DA FAMÍLIA?</b>	Muito positivo em diversos aspectos, mas podemos citar a retomada da rotina que foi interrompida com o internamento, continuidade da escolarização, a redução da dor e do medo, eles ficam mais propícios ao tratamento. Esses são dados de uma pesquisa que realizamos um ano após a implantação da Classe Hospitalar Semear.

Fonte: A própria pesquisa. Novembro, 2017.

Percebe-se que o trabalho é desafiador por se tratar de vidas que estão passando por situações de renúncias. O diagnóstico de alguma doença torna a vida difícil e desafiadora quando,



especialmente se tratando de crianças que pouco compreendem sua “estadia” no hospital. Lidar com alguns sentimentos como saudade de casa, da família e da escola são relatos muito comuns nos corredores e é necessário driblar esse misto de sentimentos. Nota-se que o planejamento é feito diariamente, pois as intercorrências acontecem sem avisar. Visto a situação de cada paciente é analisado onde será feito o trabalho, se no leito ou na classe.

Tetos e paredes todas coloridas deixam o ambiente com um toque especial, o carinho e cuidado entre pedagoga, profissionais e paciente torna a relação estreita na valorização da afetividade motivando-o a prosseguir seja no leito, na classe hospitalar ou fora dela. É importante destacar que durante a observação de campo se tem a impressão do tratamento humanitário, pois é perceptível que os profissionais têm a noção de tratar a saúde do ser humano em sua integralidade, física, social e emocional. Deste modo, nos sentimos sementes e na vida de cada um que encontramos, deixamos um pouco de nós.

A situação vivenciada por alguns pacientes durante o internamento seria a possibilidade de enquanto estudantes da classe hospitalar não estivessem matriculados na escola de origem, fossem motivados a fazê-lo, gerando no estudante uma expectativa de futuro, que muitas vezes se perde ao longo do tratamento, em virtude das dores e dos sofrimentos impostos, por esta doença, pois ainda carrega toda uma carga de preconceito, e estigma, da pena de morte, e ainda assevera, muitas vezes, a dificuldade no retorno à escola de origem, pois os alunos vão enfrentar amigos e toda a comunidade escolar com o corpo diferente: careca, apresentando cicatrizes, mutilação e/ou usando prótese. (PEDROSA, 2015, p. 22).

Imagem 4: Alunos na Brinquedoteca e Classe Hospitalar

Imagem 4: Alunos da Brinquedoteca e Classe Hospitalar



Fonte: A pesquisa. 29-09-2017.

Imagem 5: Aluno da Brinquedoteca



Fonte: A pesquisa. 29-09-2017.

#### 4.4 IDENTIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES

Tabela 4: Conhecendo as Atividades Pedagógicas

<b>QUAL A POLÍTICA E DIRETRIZ DA EDUCAÇÃO SEGUIDA?</b>	Segue a base curricular que for enviada pela escola de origem, caso ela não envie utilizamos a base curricular de Recife com adequações para esta modalidade de ensino.
<b>EXISTE UMA METODOLOGIA ESPECÍFICA PARA SE TRABALHAR COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS?</b>	Sim. Criamos toda uma metodologia para realizar o atendimento pedagógico no hospital.
<b>COMO É FEITO O PLANEJAMENTO?</b>	Estudante quando internado é matriculado e realizado um plano de desenvolvimento individual. A partir deste plano realizamos um planejamento geral e a cada dia de atendimento reorganizamos o planejamento para atender as necessidades cognitivas do estudante.
<b>QUAIS OS MATERIAIS DIDÁTICOS SÃO UTILIZADOS NAS AULAS?</b>	Os mesmos da sala regular, <i>tablets</i> , <i>modems</i> para <i>internet</i> , legos, diversos jogos pedagógicos. As atividades são impressas, não usamos livros didáticos para não juntar poeira, a sala é pequena e os estudantes tem imunidade muito baixa. Em alguns casos utilizamos o livro da escola de origem, mas fica guardado no armário da família.
<b>QUAL É A FORMA DE AVALIAÇÃO UTILIZADA?</b>	A avaliação é diária, sistemática, constante. A partir das respostas dadas e das atividades realizadas, caso o estudante não tenha atingido o objetivo, reorganizamos novo planejamento com novas estratégias de ensino, fazemos o relatório e enviamos para a escola de origem. A escola de origem pode enviar as avaliações, orientamos para que o estudante responda e enviamos de volta para que os professores possam dar as notas aos estudantes e fazer o registro na caderneta deles.

Fonte: A própria pesquisa. Novembro, 2017.

Nota-se a importância da relação entre a escola de origem e classe hospitalar para um melhor desenvolvimento do aluno/paciente. O uso da tecnologia também auxilia no repasse das aulas. No período da visita ao hospital os pacientes junto com a pedagoga estavam trabalhando o livro “O rapto do galo” da atriz Fabiana Karla, recifense e madrinha da Classe Hospitalar Semear. Era lido o livro e logo em seguida eles pintavam o desenho do galo da melhor forma. No decorrer a pedagoga teve a ideia de colher depoimentos de cada um contando um pouco da história do galo e no fim juntar todas as falas em um só vídeo e apresentar o livro contado em uma escola da prefeitura ao lado do hospital, Escola Municipal Cidadão Herbert de Souza. O envolvimento de todos na acolhida das falas tornava a sala de aula ainda mais próxima daquele ambiente e a dedicação da pedagoga fez do trabalho um excelente aliado no alívio da dor e na busca da cura. “A sua atuação nesse sentido é uma reforçada contribuição ao trabalho multidisciplinar no contexto do hospital tendo condições de desenvolver um trabalho sincronizador, didático e pedagógico educativo” (MATOS E MUGIATTI, 2006 p. 16).

Portanto, percebe-se que os relatos da entrevistada foram fundamentais para a compreensão mais profunda do trabalho, atuação, dificuldades e conquistas deste do profissional que atua na pedagogia hospitalar. Durante a observação de campo, percebeu-se a doação dos profissionais e o preparo para lidar da melhor forma possível com situações limites. Notou-se um equilíbrio entre o lado emocional (que lida com a perda, a dor e o sofrimento) e o lado racional que faz com que trabalhem de modo a proporcionar a melhor qualidade de vida enquanto os pacientes e familiares precisarem do ambiente hospitalar, não deixando jamais transparecer tristeza ou desesperança para os mesmos.

Trata-se, portanto, de um trabalho afetivo, social, cognitivo, terapêutico, humanitário, profissional e principalmente, baseado em muito amor.

Imagem 5: Atividades Desenvolvidas



Fonte: A pesquisa. 29-09-2017.

Imagem 6: Materiais Didáticos



Fonte: A pesquisa. 29-09-2017.

## CONCLUSÃO

Ao desenvolver o presente artigo tornou-se possível uma análise sobre a atuação do (a) Pedagogo (a) hospitalar, o seu ambiente de trabalho, o perfil da pedagoga, o perfil dos alunos atendidos, as didáticas metodológicas adaptadas para a execução do seu trabalho, suas dificuldades e conquistas. Foi possível compreender a eficácia deste trabalho em um ambiente pouco visualizado como fonte de ensino-aprendizagem que é o Hospital, em contrapartida o pedagogo vem demonstrar o quanto é relevante sua atuação conseguindo trazer a escola para a classe hospitalar em atendimento pedagógico na sala ou no leito.

A pedagogia hospitalar surge com o objetivo de dar continuidade ao trabalho da escola regular fortalecendo os laços emocionais e cognitivos do paciente, compreendendo que a classe não se limita a conteúdos metódicos, avaliando sempre o estado em que a criança se encontra devendo adaptar seu planejamento as intercorrências do dia.

Cabe ressaltar a importância do lúdico no ambiente em que se encontram, tendo a função de envolvê-lo com o novo, despertando a curiosidade, tornando aquele momento prazeroso. Para isso os materiais didáticos utilizados são necessários como o alfabeto móvel, quebra cabeça e jogos matemáticos visando um melhor rendimento.

Evidenciou-se que a Pedagogia hospitalar desenvolve muito além de conteúdos, ela agrega valores inquestionáveis na vida pessoal dos profissionais, familiares e pacientes envolvidos neste processo de ensino. Poder enxergar o outro não pela doença, mas por suas competências é transpassar barreiras ainda impostas pela falta de conhecimento, podendo atender aos seus anseios e ajudá-los em suas dificuldades, contribuindo para um trabalho humanístico e sério.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Sociologia e investigação social empírica**. In: **Temas básicos de sociologia**. Tradução de Álvaro Cabral. 1. ed. São Paulo: Cultrix/USP, 1973, p. 120-131

ASSIS, Walkíria de. **Classe hospitalar: um olhar pedagógico singular**. São Paulo: Phorte, 2009

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 9.394 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

\_\_\_\_\_, Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Congresso Nacional, 1990.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

CECCIM, Ricardo Burg; FONSECA, Eneida Simões. **Classes hospitalares: aspectos da relação professor-aluno em sala de aula de um hospital. Relato escrito da reunião de trabalho na classe hospitalar do Hospital Municipal Jesus**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Saúde / Hospital Municipal Jesus –Secretaria Municipal de Educação / Classe Hospitalar Jesus, 1998.

\_\_\_\_\_, RICARDO BURG; FONSECA, Eneida Simões. **Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional à criança e ao adolescente hospitalizado**. Revista Integração. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, ano 9, nº 21, 1999, p. 31-39.

\_\_\_\_\_, RICARDO B.; CARVALHO, Paulo R. A. **Comentando os direitos da criança e do adolescente hospitalizado**. In: CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. A.; Criança Hospitalizada: Atenção Integral como escuta à vida, Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1997, p.185-191.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: Definição, Histórico no Brasil e no Mundo.** In: FRIEDMANN, A. (org.). *O Direito de Brincar: a brinquedoteca.* São Paulo: Edições Sociais, 1998.

\_\_\_\_\_, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: Um mergulho no brincar.** 4ª ed. São Paulo: Aquariana, 2010.

\_\_\_\_\_. **O significado da brinquedoteca hospitalar.** In: *Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização.* Drauzio Viegas (org.). Associação Brasileira de Brinquedotecas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2007. p.71-74.

ESTEVES, Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico.** SMEC, (s\ a). Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBARTIGOS/pedagogia%20hospitalar....pdf>. Acesso em: 02. Set. 2017.

FONSECA, Eneida Simões. da. **Classe Hospitalar Jesus. Saúde.** Jubileu de Ouro – 1950-2000. RJ: Gráfica daUERJ, 2000.

\_\_\_\_\_, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** São Paulo: ed. Memnon, 2003.

\_\_\_\_\_, Eneida Simões da; **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** 2ºed. São Paulo: Ed. São Paulo, 2008.

FONTES, Rejane de Souza. **A reinvenção da escola a partir de uma experiência instituinte em hospital.** Educ. Pesquisa, Ago. 2004, vol.30, nº.2, p.271-282. ISSN 1517-9702.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6.ed. São Paulo, Cortez, 2002.

154

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde.** Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_, Elizete Lúcia Moreira. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde** / Elizete Lúcia Moreira Matos; Margarida Maria Teixeira de Freitas Mugiatti. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **Pedagogia hospitalar na Pedagogia Social: reflexões teóricas.** Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2010. Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES).

PEDROSA, Cristiane Rose de Lima. **Direitos dos Alunos Hospitalizados e Desafios na Implantação da Primeira Classe Hospitalar no Município de Recife: direito à educação no contexto do internamento.** Monografia apresentada à AVM Faculdade Integrada como exigência parcial à obtenção do título de Especialista em Pedagogia Hospitalar, Recife – PE, 2015.

VIEGAS, D. A. **As Perspectivas da Brinquedoteca Hospitalar no Brasil.** In: VIEGAS, D. (org.). *Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização.* Rio de Janeiro: WAP, 2007.